

Rua Quinze de Novembro: espaço de comércio, cultura e lazer (Pelotas, RS)

Vanessa da Silva Devantier¹

Resumo

O artigo aborda um fragmento do espaço urbano da cidade, a Rua XV de Novembro. Aponta para a condição deste trecho como principal via pública pelotense, núcleo de comércio, cultura e lazer, entre os anos de 1870 e 1931. O período foi caracterizado pelo ecletismo nas composições arquitetônicas edificadas e pela urbanização do centro da cidade através dos melhoramentos estruturais implantados. Ambos acordavam com os discursos do período e glorificavam o progresso e a civilização, postos em prática por meio dos Códigos de Posturas Policiais e pelos Códigos de construção e reconstrução de prédios da cidade. Urbanizada, a Rua XV tornou-se registro material da modernidade alcançada pela sociedade pelotense da época, exteriorizada nas fachadas ecléticas dos prédios, na decoração das vitrines e dos interiores das casas comerciais, na movimentação de transeuntes, bondes elétricos e carros.

Palavras-chave: Patrimônio. Memória. Arquitetura. Urbanismo. Ecletismo.

Introdução

A cidade de Pelotas, principal centro urbano da metade sul do Rio Grande do Sul, é conhecida pelo seu conjunto arquitetônico caracterizado pelo historicismo eclético, estética que mescla estilos variados numa única composição de fachada (SANTOS, 2002). Esse patrimônio arquitetônico é vinculado ao ciclo econômico do charque, que proporcionou o desenvolvimento do núcleo urbano da cidade, bem como um estreito contato com construtores, artífices e artistas estrangeiros e a viabilização de importações de materiais construtivos e decorativos, além de novas técnicas de construção. Na segunda metade do século XIX,² o auge da atividade saladeiril centrada em Pelotas fez com que os charqueadores fossem transferindo suas residências para uma determinada distância destes estabelecimentos, devido ao elevado grau de insalubridade que ali se constatava.

O primeiro traçado urbano da cidade foi executado em 1812, nas terras da sesmaria do capitão-mor Antônio dos Anjos (GUTIERREZ, 2001, p. 156). A planta originou dezenove ruas, doze longitudinais e sete transversais, “entre as atuais Barroso e Marcílio Dias, avenida Bento

¹ Graduada em História Licenciatura, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas. E-mail: vsdevantier@hotmail.com

² A escolha da delimitação temporal, 1870-1931, está de acordo com o estudo de SANTOS, 2007, período em que se verificou o apogeu econômico do município e se consolidou o espaço urbano da cidade, acrescido do desenvolvimento de construções de estilo arquitetônico historicista eclético.

Gonçalves e General Neto.” (MAGALHÃES, 2000, p. 9). O segundo traçado se desenvolveu em direção ao Canal São Gonçalo, feito nas terras negociadas em 1827, pela sesmeira Mariana Eufrásia da Silveira (GUTIERREZ, 2001, p. 168), originando mais quinze ruas transversais (MAGALHÃES, 2000, p. 9-10). Os dois projetos foram executados com “planta em retícula heterogênea com quadrícula” (YUNES, 1995, p. 53), e se conformaram por meio de ruas paralelas, desenhadas no sentido norte e sul, e cortadas por artérias traçadas no sentido leste e oeste.

No primeiro loteamento, um quarteirão não edificado deu origem à Praça da Igreja Matriz. No segundo, outro quarteirão não construído originou a atual Praça Coronel Pedro Osório. Esses logradouros públicos centrais dos dois loteamentos, que originaram as praças da cidade, são típicos desta forma de organização ibérica, na urbanização dos povoados do Novo Mundo. O quarteirão central ocupado pela Praça Pedro Osório teve inicialmente o nome de Praça da Regeneração, no seu entorno foram erguidos prédios públicos, semi-públicos e privados, as residências das famílias mais abastadas da localidade. Para Gutierrez, a atividade sazonal das charqueadas, o elevado plantel de escravos e o significativo número de olarias, se relacionam com o desenvolvimento urbano da cidade, na construção de prédios que serviam de residência para os charqueadores e daqueles que serviriam como aluguel, para moradia e comércio. O trabalho compreendia a fabricação de tijolos e telhas e a construção de prédios, ocupava os cativos nos períodos de entressafra nos saladeiros (GUTIERREZ, 2001, p. 79).

O espaço urbano se desenvolveu em território distanciado das áreas de salga, com as construções de casas assobradadas e de sobrados em estilo arquitetônico de origem europeia, o ecletismo historicista. Com a prosperidade da atividade charqueadora e a riqueza econômica experimentada pela elite local, se consolidou o espaço urbano da cidade: com a pavimentação de ruas com pedras de granito e passeios para pedestres; a implantação e distribuição de postes de lâmpões da iluminação pública; a canalização das redes de água potável e de esgotos, o ajardinamento das praças e a arborização das ruas (SANTOS, 2007, p. 96; 133; 146).

O trecho da Rua XV de Novembro estudado, constituído pelo trajeto entre a Praça Coronel Pedro Osório e a Praça da Matriz São Francisco de Paula, é historicamente referido como local de intenso comércio, bem como portador de referenciais culturais: a rua dos cafés e das confeitarias, dos passeios e do *footing*, do carnaval. Conforme o estudo vem constatando, situavam-se nesta via importantes casas comerciais, por exemplo: a Casa Baptista Lhulier (sortimentos variados), a Casa Gomes (artigos masculinos), a Casa Caringi, (chapelaria), a loja de Mme. Mathilde Dupuis (modas femininas), a Casa Hercílio e a Casa Clark (calçados), o Bazar Moderno e o Bazar Musical (artigos musicais). Nas vitrines destas lojas

eram expostas as novidades originadas em grande parte da Europa: os últimos modelos do vestuário, as inovações tecnológicas recém criadas. A partir da segunda metade da década de 1920, verificou-se o crescimento de cafés e cigarrarias³, estabelecimentos que apontam para as transformações no convívio social da cidade, para os modernos costumes que também se revelavam nas grandes metrópoles europeias ou brasileiras.

Rua XV de Novembro: comércio, cultura e lazer

Integrante do primeiro loteamento de terras de Pelotas, a Rua XV de Novembro foi assim denominada desde 1895, por ocasião das homenagens à República feitas pelos vereadores do município (MAGALHÃES, 2000, p. 74). O trajeto estudado da via assumiu muito cedo sua vocação comercial. Situado no núcleo da formação urbana da cidade, ligou a Praça Coronel Pedro Osório (que já se chamou Regeneração e República) à Praça da Catedral. A primitiva denominação da artéria foi Rua “dos Canários”, relacionada com antigos moradores provenientes das Ilhas Canárias, vindos em 1789, que estabeleceram casas de comércio neste fragmento urbano. Na primeira metade do século XIX, a antiga Rua do Comércio, atual Félix da Cunha, era igualmente uma via muito movimentada e com grande número de estabelecimentos comerciais.

Nas décadas finais do século XIX, no entanto, a Rua XV assumiu a centralidade da urbe, passou por uma série de reformas com o intuito de modernizá-la, balizando novas formas de convívio urbano que Monteiro (1995), ao tratar de Porto Alegre, de acordo com uma descrição sobre a Rua dos Andradas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1925), popularmente conhecida como Rua da Praia, atentou para esta nova forma de convivência nas cidades, chamada na crônica de “vida mundana nos seus vários aspectos”. Para o autor:

A referência a “vida mundana” era a percepção de que as sociabilidades públicas deixavam de estar vinculadas às festas religiosas e procissões, como ocorria no século XVIII e em boa parte do século XIX, quando Porto Alegre era ainda uma vila (MONTEIRO, 1996, p. 126-7).

De acordo com Monteiro, a introdução da modernidade trouxe ares “cosmopolitas” para a cidade, os antigos hábitos e costumes da “cidade provinciana” precisavam ser combatidos. No caso da Rua da Praia, Monteiro salientou que nela estavam sintetizadas contradições, entre a “elegância” de artéria central e seus inconvenientes, do *footing* das damas à presença de esmoleiros e bilheteiros impertinentes.

³ Citando alguns exemplos, temos: o Café Ba-Ta-Clan, o Café Central, o Café Colombo e a Cigarraria A Melindrosa, todos localizados na referida rua. Cf. Diário Popular, 1924-1925.

No final do século XIX e princípios do XX, as administrações das modernas cidades como Pelotas, se pautaram na organização e na salubridade dos espaços coletivos, e exprimiram a forma como o homem moderno transformou culturalmente a paisagem de seu entorno. A cidade moderna resultou de uma construção que implicou a organização social e suas representações, pensadas pelos “produtores do espaço” (PESAVENTO, 1995, p. 283; RONCAYOLO, 1995), os profissionais ligados às classes dirigentes, engenheiros, sanitaristas ou arquitetos, encarregados da transformação da paisagem urbana.

Pelotas, assim como outras cidades do período final do século XIX, sofreu uma forte influência europeia, constatada nos costumes – formas de vestir, de falar, na arquitetura, na educação ou nas atividades culturais (ANJOS, 2000, p. 56-7). Tornando-se uma cidade mais cosmopolita, a influência estrangeira na construção do espaço urbano – italiana, francesa ou germânica – se agregou a herança sócio-cultural luso-brasileira. Marcos Halall dos Anjos percebeu a forte presença estrangeira no comércio da cidade, mostrou que mais de 70% das firmas comerciais pelotenses das últimas décadas do século XIX, “possuíam estrangeiros em seu quadro social” (ANJOS, 2000, p. 109). Os italianos neste período, por exemplo, tiveram um forte envolvimento com empreendimentos hoteleiros na cidade (ANJOS, 2000, p. 160).

As duas imagens (Figura 1) ilustram dois estabelecimentos comerciais endereçados no trecho estudado da Rua XV de Novembro. A primeira, a Relojoaria e Ótica de Adolpho Neipp, situada na quadra limitada pelas ruas Sete de Setembro e General Neto, em prédio hoje demolido. Além da vitrine junto ao passeio dos pedestres, com sortimento oferecido pelo estabelecimento provavelmente de origem alemã, havia no centro da fachada um relógio, que identificava aos clientes alfabetizados ou não, os serviços prestados pela casa de comércio. A segunda, a Loja de Ourives de José Avelino da Fonseca, localizada entre as ruas Voluntários da Pátria e Dr. Cassiano, hoje demolida. De acordo com antigas informações, era a mais antiga loja de ourivesaria de Pelotas, premiada com a medalha de ouro pela Sociedade Pastoril, no dia 13 de novembro de 1910 (DIÁRIO POPULAR, 1921, p. 3).



FIGURA 1: Na imagem à esquerda: Relojoaria e Optica de Adolpho Neipp, Rua 15 de Novembro, 628. Na imagem à direita: Loja de Ourives, de José Avelino Pires da Fonseca, Rua 15 de Novembro, 714. Fonte: MICHELON, Francisca F.; SCHWONKE, Raquel S., 2008, p. 139 e 146.

As fachadas apresentam peculiaridades do ecletismo historicista pelotense. Tanto no sobrado com duas funções, comercial e residencial, como na casa térrea, os frontispícios apresentam cornijas, elementos decorativos de estuque e platibandas ornamentadas. A fachada do sobrado é coroada por frontão cimbrado e enfeitada com compoteiras, os vãos do pavimento superior e residencial são preenchidos com portas-sacada e o balcão tem guarda-corpo corrido de ferro fundido. Interessante salientar para os toldos de lona com armação metálica, que protegiam do sol as mercadorias expostas nas vitrines, outra inovação da época advinda da industrialização dos países europeus.

No entanto, o espaço da Rua XV de Novembro ainda estava basicamente relacionado ao universo masculino, a circulação de mulheres nas ruas da cidade era restrita. A presença da mulher em ambientes públicos e as sociabilidades femininas estiveram, desde sempre, condicionadas a uma série de regulamentos e códigos de comportamento. Esses códigos se ampliaram no período estudado. Analisando o caso das mulheres de boa sociedade no Rio de Janeiro do final do século XIX ao início do XX, Tatiane Cova registrou:

O cotidiano do lar, a intimidade das alcovas e os símbolos que tradicionalmente configuravam a esfera feminina foram, gradualmente, ressignificados assim como os espaços públicos. As ruas passavam a contar com um maior número de mulheres circulando entre confeitarias, vitrines de lojas de departamentos, cafés, teatros, etc. Este novo quadro social ofereceu à mulher a possibilidade de ver e de ser vista (COVA, 2010, p. 2).

A urbanização da Rua XV privilegiou o lazer e o comércio, qualificou o espaço de passeio para ver as vitrines, para as trocas de mercadorias e para o intercâmbio de informações entre os cidadãos da cidade, como também para as festividades populares, como

o carnaval. Jorge Salis Goulart, em seu romance *A Vertigem*, de 1925⁴, descreve o carnaval pelotense, que nesta época ocorria na Rua XV de Novembro e na Praça Coronel Pedro Osório:

Era interessante o aspecto das operárias, muitas das quais só aparecem na rua Quinze em época de carnaval, trazendo fitas de cores espalhafatosas, vestindo roupas novas, fora da moda. Junto delas, namorados, trajando de cassineta ou envergando casacos de pano de dama, balbuciavam futilidades, num riso alvar, em contraste tocante com os grupos elegantes e escolhidos que se aglomeravam pelas portas das lojas, e que eram infinidades de flores humanas, borrifadas de jóias e de sorrisos, arfando os seios entumecidos debaixo da seda das vestes, num desabrochar maravilhoso de delicadeza e de bom gosto.

De acordo com Barreto (2003, p. 129-130), o carnaval de rua pelotense neste período (década de 1920), não copiou o modelo veneziano, suntuoso e europeizado. Mas, deu lugar a um carnaval mais simples, através dos cordões. Para o autor, por um lado essa mudança era vista pela imprensa local (sob o viés das elites da cidade) como um sinal da decadência da folia. Por outro lado, Barreto explicou que a partir desse momento, se consolidou o carnaval como festejo tipicamente público e de rua. O autor posteriormente, considerou os cordões como símbolos do carnaval de Pelotas.

Antigo hábito de influência europeia das cidades, os *footing* eram passeios realizados no centro das cidades, formas de convivência, de flerte, de ver e ser visto. O lugar “*chic*” de Pelotas para estes passeios era a Rua XV⁵, que dessa forma poderia ser comparada à Rua da Praia, de Porto Alegre. De acordo com Rodolpho (1999, p. 6),

Até a Segunda Guerra Mundial a Rua da Praia estava recoberta das influências européias, onde os cafés e o *footing* da Rua da Praia eram a vitrina, onde os entretenimentos possibilitavam uma forma de exposição dos indivíduos, e onde o Centro de Porto Alegre era o lugar chique por excelência.

Comércios de artigos refinados, estabelecimentos como a confeitaria Nogueira e a Confeitaria Gaspar, os cafés e cigarrarias, a Livraria Universal, a Livraria Nacional e a filial da Livraria do Globo, o Cinema Ponto Chic e o Cine 15, o Hotel Aliança e seu elegante restaurante, contribuíram para construir novas formas de sociabilidades em Pelotas, onde o espaço coletivo da rua passou a ter uma outra significação, de um lugar de simples trânsito para um local de encontros, que motivou as caminhadas para ver as vitrines, o *footing*, as carruagens e os

⁴ Citado por: MAGALHÃES, Mario O. Pelotas: toda a prosa (1874-1925). Pelotas: Armazém Literário, 2002, p. 290-1.

⁵ O periódico *Correio Mercantil*, de 26.02.1930 (período do carnaval), assim sugere: “Bandos garrulos de gentis senhoritas faziam o *footing* na rua 15, deslizando nos passeios como bando de pombinhas rolas rufando as asas no espaço”. Citado por: BARRETO, 2003, p. 130.

automóveis. As gerências das lojas, por exemplo, anunciavam nos jornais as novidades expostas em suas vitrines, convidando seus “*distinctos fregueses*” a prestigiarem as novas coleções adquiridas⁶.

A Rua XV de Novembro tornou-se no início do século XX, um representativo espaço da modernidade alcançada pela sociedade pelotense, registrada nas ornamentações das fachadas ecléticas dos prédios, nas decorações das vitrines e dos interiores das lojas, das confeitarias, dos cafés e dos restaurantes, na movimentação, nos sons e nos ruídos produzidos pelos transeuntes, pelos carros e pelos bondes elétricos.

Considerações finais

Entre os anos de 1870 e 1931, o espaço urbano de Pelotas sofreu uma série de transformações que visavam alcançar a condição de urbe moderna: a iluminação pública, as canalizações de água, os serviços de limpeza urbana e de esgotos, a pavimentação das principais vias com paralelepípedos de granito, o ajardinamento das praças e a arborização das artérias da cidade. Neste período, Pelotas experimentava um rico desenvolvimento econômico proveniente da produção e exportação das charqueadas, era a cidade mais próspera e populosa da zona da campanha gaúcha. A Rua XV de Novembro, alcunhada de “alma da cidade”⁷, foi a principal via deste período, nela se localizavam as melhores casas de comércio, os ateliês de costura, as lojas de tecidos e de vestuários, de calçados e chapéus, os bazares, as confeitarias, as livrarias, os cafés e os cinemas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Adênia S. As faces culturais de uma rua: Aracaju – 1920 a 1940. **Horizontes**, v. 26, n.1, p. 53-61, jan/jun. 2008. Disponível em:
<http://www.saofrancisco.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Horizontes_26_1_05%5B10992%5D.pdf> Acesso em: 17 jun. 2011.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: EdUFPel, 2000.
- BARRETO, Álvaro. **Dias de Folia**. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003.

⁶ Tal como a casa Moda Elegante (à Rua XV, nº. 625), que fazia exposições temáticas em sua vitrine; no dia 14 de julho de 1921, fez uma exposição alegórica do Brasil e França (Cf. *Diário Popular*, 16 jul. 1921, p. 2). No dia 20 de setembro, montou uma exposição em sua vitrine em homenagem ao Rio Grande do Sul e à Itália, com retratos a óleo de Domingos de Almeida e Garibaldi, além das bandeiras gaúcha e italiana “em artística disposição”, apreciada pelos transeuntes. Cf. *Diário Popular*, 22 set. 1921, p. 1.

⁷ Cf. o jornal pelotense *Diário do Povo*, em 26 fev. 1941.

COVA, Tatiane Paiva. Corpo feminino no corpo social na passagem do século XIX ao XX na cidade do Rio de Janeiro. **XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio (Memória e Patrimônio)**. Rio de Janeiro, jul. 2010. Disponível em:

<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276711725_ARQUIVO_ArtigoAnpuhTatianeCova.pdf> Acesso em: 21. jun. 2011.

GUTIERREZ, Ester B. **Negros, charqueadas e olarias**. Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: EdUFPEL, 2001.

LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. In: Ondina Fachel Leal (Org.). **Cultura e identidade masculina**. Cadernos do PPGAS/UFRGS. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1991, v. 7. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/11836/7014>> Acesso em: 22/07/2011.

MAGALHÃES, Mario O. **Os passeios da cidade antiga**. Guia histórico das ruas de Pelotas. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

_____. **Pelotas século XIX**. Pelotas: Ed. da Livraria Mundial, 1994.

MICHELON, Francisca F.; SCHWONKE, Raquel S. **Retratos de uma Cidade**. Pelotas: EdUFPEL, 2008.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço. Por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290.

RODOLPHO, Patrícia. Encontrando imagens na e da Rua da Praia: problemas e descobertas de uma etnografia urbana. **Iluminuras**. Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais Biev, Porto Alegre, v. 1, p. 26, 1999.

SANTOS, Carlos A. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil (1870-1931)**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Salvador: UFB, 2007.

_____. **Espelhos, máscaras, vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas – Pelotas, 1870-1930**. Pelotas: Educat, 2002.

TANNO, Janete Leiko. A rua como espaço de socialização e lazer. São Paulo (1920-1945). **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 72-88 - out. 2009. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v5.n1/artigos/a_rua_como%20espaco.pdf> Acesso em: 19 jun. 2011.

YUNES, Gilberto S. **Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAU-USP, 1995.